

A resposta do Sr. Lourenço Filho¹

Apresentação

O texto de Lourenço Filho reúne as reflexões do educador em torno das indagações levantadas pelo então redator do jornal *O Estado de São Paulo*, Fernando de Azevedo, no âmbito do inquérito sobre a instrução pública paulista, promovido em junho de 1926. Em suas análises, o educador põe em cena aspectos significativos das lutas de representações que marcaram a difusão do “movimento pela Escola Nova” no Brasil e, mais particularmente, em São Paulo. As respostas ao inquérito foram publicadas em 1937, sob o título *A educação pública em S. Paulo: problemas e discussões*, pela Companhia Editora Nacional, na série Brasileira da Biblioteca Pedagógica Brasileira. A partir da segunda edição, o livro passou a ser publicado pela Companhia Melhoramentos, de São Paulo, recebendo o título *A educação na encruzilhada: problemas e discussões*.

Apresentado por Azevedo como uma “larga investigação sobre as instituições escolares”, à qual pretendia conferir um “caráter objetivo e imparcial”, o livro está organizado em três partes, que correspondem às três fases em que se dividiu o inquérito. A primeira apresenta as posições dos entrevistados em relação ao ensino primário e normal; a segunda enfoca o ensino técnico e profissional; a terceira, o ensino secundário e superior. O texto de Lourenço Filho compõe a primeira parte do inquérito, que reúne também as posições de Francisco Azzi, Antônio de Almeida Junior, Renato Jardim, José Escobar e Sud Mennucci.

1. Texto publicado originalmente em LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *A Escola Nova: resposta ao inquérito que, acerca do ensino paulista, promoveu O Estado de S. Paulo*, em junho de 1926. São Paulo: [s.n.], 1927. 24 p. e, mais tardiamente, em AZEVEDO, Fernando de. *A Educação Pública em S. Paulo. Problemas e discussões*. Inquerito para “O Estado de S. Paulo”, São Paulo/Rio de Janeiro/Recife: Companhia Editora Nacional, 1937, p.127-152.
N. do E. – Agradecemos a indicação do presente texto feita pela Profa. Dra. Heloisa Helena Pimenta Rocha, da FE – Unicamp, auxiliada, no mapeamento das edições do inquérito, pela Profa. Dra. Maria Rita de Almeida Toledo, da PUC-SP, e a atenção especial do Prof. Dr. Carlos Monarcha, da Unesp – Araraquara, fornecendo-nos os caminhos e a referência da primeira publicação. Agradecemos especialmente ao Dr. Ruy Lourenço Filho, pela autorização para esta reprodução.

A importância do inquérito, como fonte para a compreensão do nosso passado educacional e, mais especificamente, do movimento de renovação educacional no Brasil, pode ser avaliada quando se considera a natureza das questões tematizadas e, ao mesmo tempo, o papel exercido pelo grupo de intelectuais que se debruçou sobre as questões levantadas por Azevedo, nas reformas dos sistemas de ensino de diversos Estados brasileiros, nos anos 1920 e 1930.

Na introdução do livro organizado por Fernando de Azevedo, em 1937, com base no material resultante do inquérito que promovera em 1926, podem-se ler as marcas do esforço azevediano no sentido de produzir uma memória sobre o movimento de renovação educacional no Brasil. Como em outros de seus textos, as suas iniciativas, tomadas como parte de um amplo rol de ações encetadas por um grupo de intelectuais que se apresenta na cena educacional como vanguarda, são lidas retrospectivamente como um esforço contínuo e incansável, parte de uma marcha em direção à renovação da educação brasileira. Tal esforço de unificação se opera por meio de um procedimento discursivo no qual o inquérito é constituído como um marco e as respostas a ele oferecidas, como antecipação de um movimento educacional que se desdobraria em inúmeras iniciativas, dentre as quais ocupariam lugar de destaque as reformas do ensino, realizadas em Estados como Rio de Janeiro e São Paulo, e o *Manifesto dos pioneiros da educação nova*, lançado em 1932.

O texto que apresentamos ao leitor foi extraído da obra *A educação pública em S. Paulo: problemas e discussões*. À época da participação no inquérito, Lourenço Filho já desfrutava de prestígio nos meios educacionais. Lente de Psicologia e Pedagogia na Escola Normal da Praça da República, ele já acumulava a experiência da reforma do ensino no Ceará, para onde fora nomeado como diretor da Instrução Pública, permanecendo entre 1922 e 1925. Não é demais lembrar que o ano da realização do inquérito coincide com o ano da publicação da obra *Joazeiro do padre Cícero*, na qual Lourenço Filho reúne as suas impressões sobre as resistências em que esbarrara a sua obra reformadora no Ceará, traduzidas como “fanatismo religioso” e “patologia social”.

*Heloísa Helena Pimenta Rocha**

=====

“Não é fácil responder às questões propostas, dentro dos limites de espaço compatíveis com a natureza deste inquerito, e por uma razão muito simples: sobre educação e futebol não ha ninguem que se não julgue capaz de uma opinião pessoal, pelo que é perigoso opinar sobre o assumpto, sem ampla justificação do

* Professora e membro do Grupo *Memória, História e Educação* da Faculdade de Educação da Unicamp.

ponto de vista tomado. Em nosso meio, o problema do ensino popular tem sido, quasi sempre, encarado, sob aspectos do mais rude empirismo, e não só o publico, com a quasi totalidade dos individuos mais directamente interessados nelle – os proprios professores – suggestionados pelo modo com que quasi todos os nossos governos hão por bem tratar do problema, habituaram-se a tomal-o como questão de méro arbitrio, em que a razão e a experiencia menos podem significar do que um capricho de momento.

Talvez isso se não dê somente a respeito da educação. Mas, como a respeito della é assim, acho perigoso, como affirmei, e até contraproducente, ás vezes, opinar sem esclarecer. Além disso, a iniciativa deste jornal, conforme se deprehe de da simples leitura do questionario que tenho presente, é a de uma campanha franca e decidida ás normas do ensino vigentes em S. Paulo, não encarnado nas illustres pessoas de sua actual administração, que não são por ellas de todo unicamente responsaveis – mas á mentalidade que entre nós tem dominado o assumpto, com ligeiro intervallo, e que agora o empolga de modo completo. E, uma condemnação assim formal, num ambiente pouco affeito a discussões em elevada esfera de idéas, exige um veredicto claramente argumentado, senão, nalguns pontos, explicado até á evidencia, não só para estimular a propaganda de novas idéas, como para facilitar um debate proveitoso com os que julguem ainda, – desinteressadamente, está claro, – util e necessaria, essa mentalidade que urge renovar. Só neste presupposto, que julgo indispensavel referir, passo a responder os differentes itens propostos, da seguinte fórma:

1º. – Temos nós um aparelhamento pedagogico, primario e normal, conforme as nossas necessidades e á altura do progresso material do Estado de São Paulo?

- Parece-me que não. Pelo aspecto material, explica-se, facilmente, que o Estado não tenha podido acompanhar com o ensino publico, como com outros serviços, o surto quasi inacreditavel de varias zonas de seu territorio. Não é criticave, por isso, o esforço da administração que installou escolas e grupos escolares em palheiros e casas de tulha, com caixões vasio por mobiliario. Simple solução provisoria, perfeitamente acceitavel em regiões apenas desbravadas á civilização. Pelo aspecto de orientação scientifica ou sociologica, porém, o caso muda de figura. Pelo que me é dado saber, o ensino publico paulista nem sequer tem suspeitado dos grandes problemas que, a esta hora, já mudaram de curso a educação popular de muitos paizes da Europa e da America. Não me refiro ás analyses mais ou menos classicas da “reacção critico-naturalista”, levantadas contra a escola do typo trdiccional que é o nosso, simple reflexo na pedagogia, do avanço das ciencias biologicas, em geral nos ultimos trinta annos. (Vide nota nº. 2). Refiro-me á “reacção

2. São classicos, a proposito, os livros de Spencer, Breard, Shuytten, Ellen Kay, Search, e mais modernamente os de Foerster, Binet, Claparède e Lebon.

critico-social” do ultimo decennio, cujo influxo, profundamente renovador, já alterou substancialmente os systemas de educação popular na Inglaterra, na Allemanha (onde se reflectiu até num artigo especial da sua nova constituição politica) na França, por duas vezes, na Italia, no Mexico, no Uruguay, no Chile e no Japão. Sou forçado a dizer que o ensino paulista nem sequer tem até hoje suspeitado desse movimento, talvez o mais formidavel até hoje soffrido pela historia da educação no mundo occidental, porque é exactamente em tal momento que o governo inscreve como lemma da actual reforma um singular “rumo ao passado”... Creio, portanto, firmemente, que o ensino publico paulista não consulta, nesta hora, as profundas necessidades sociaes do Estado, não já simplesmente em extensão, mas em espirito, arredado como está da idéa de que cada época ha de investigar os fundamentos de sua propria cultura, e construir, sobre elles, um systema educativo da sua actualidade.

Tenho razões muito convincentes para julgar, sem offensa, que isso se dê por desconhecimento do assumpto, por parte dos nossos proprios orgams technicos permanentes, e posso expô-las com franqueza.

Depois da renovação do ensino em S. Paulo, nos primeiros annos da Republica, os nossos professores têm dormido sobre os louros de então. Consagrou-se aquelle avanço, cujo valor ninguem lealmente porá em duvida, em relação ao seu tempo, como um triumpho inexcedivel, absoluto e eterno. O officialismo absorvente, que se reflecte na inteira burocratisação dos possiveis nucleos de cultura pedagogica, – como as normaes e a directoria geral – fez do primitivo systema um fogma, e da educação popular, não um caso social que a todos pertence, mas um caso politico, na accepção restricta do termo. Assim, passamos a viver num “esplendido isolamento”, emparedados entre os conselhos da excellente miss Marcia Brown, e o hieratismo, ainda hoje commovedor da maioria de seus discipulos... Nessa pesada muralha chinez, duas tentativas renovadoras, em épocas differentes, mal abriram algumas brechas, que a actual administração teve pressa em vedar de todo e de fazer vigiar por guardas attentos e disciplinados.

A Directoria da Instrucção não está, desde muito tempo, em contacto directo com as grandes fontes de cultura pedagogica do mundo, como seria de seu dever, mantendo uma bibliotheca e serviço de informações em boletim ou revista periodica que arejasse continuamente a nosso mentalidade pedagogica; nunca se cuidou de prover a sério as bibliothecas das escolas normaes, bastando que a respeito se diga que a Escola Normal da capital até ha poucos mezes não possuia os livros modernos mais elementares de psychologia applicada á educação, de pedagogia experimental e social, e jamais assignou uma revista pedagogica estrangeira. Não lhe foi possivel satisfazer também, até agora, a aquisição de uma lista de livros e revistas julgados como mais necessarios e urgentes á consulta de mestres e alumnos, e que forneci á directoria do estabelecimento. O que raros professores têm feito em S.

Paulo para acompanhar a evolução mundial do ensino é de motu-proprio, com um esforço quasi incrível. E compreende-se como os seus resultados hão de ser falhos e imprecisos, e como, no ambiente acima descripto, os esforços individuaes hão de ser hostilmente recebidos.

Se, porém, mau grado tudo, os respeitaveis orgams do governo, a quem cabem, no presente, as responsabilidades do ensino, estão perfeitamente ao par do que se passa nos principais paizes da Europa e na America, no tocante ao assumpto, e reafirmam a “volta ao passado” com uma convicção sincera, também perfeitamente respeitavel como todas as opiniões, eu peço licença para lembrar que essa attitude sceptica, ou negativista, em face das novas ideas, semelha a da avestruz que, occultando sua cabeça sob uma asa, para deixar de ver o caçador que a põe em perigo, prepara-se tranquillamente para ser ferida em cheio, com golpes certos e inevitaveis.

2º. – Podia apresentar em synthese as falhas e os erros mais graves do ensino primario e normal, na sua actual organização?

Como se depreheende do que já ficou dito, ha, em meu fraco entender, mais do que vicio organico no ensino paulista, um desvio funccional profundo: é a ausencia de um claro espirito de finalidade social, o divorcio do que na escola se pensa e se faz e a vida do menino que a frequenta na sociedade de amanha. Nossa educação não se anima ainda ao calor de um ideal superior da vida em communitade, nem mesmo se agita á luz de um seguro criterio democratico. Baseia-se ao contrario, num falso individualismo rousseauneano, necessario a seu tempo como um degrau na escala do aperfeiçoamento didactico, mas hoje de todo em todo insustentavel. Como consequencia, prevalece ainda agora, em nossos estabelecimentos de ensino, um culto de formas excessivo, uma visivel preocupação normativa, um ritualismo asphyxiante e sem outro fim visivel que não seja o temor supersticioso de fugir á sua pequena mecanica. Para comprovação deste asserto, bastam duas observações ao alcance de qualquer: o cavallo de batalha a respeito do chamado “methodo analytico de leitura” (vide nota 3) e o recente estabelecimento de inspecção technica especial de processos didacticos, entregue em varios ramos, a cavalheiros muito distinctos, e habéis talvez na sua especialidade, mas inteiramente leigos quanto á comprehensão educativa do ensino que superintendem, como é notorio. Não exaggero, portanto, afirmando que da ultima escola rural á primeira escola normal paulista quasi fallece por inteiro, desde muito tempo, o espirito de finalidade educativa moderna. Os “meios” tomaram o lugar dos “fins”, o que tanto basta para assignaliar que, sem uma clara visão finalista, o professor

3. Não há “methodo-analytico”, nem “methodo-synthetico”: ha “methodo” ou não o ha. O methodo no aprendizado da leitura se facilita praticamente pela partida da visualização de sentenças, como um todo. Isso, porém, é méra condição, como outras, absolutamente necessarias, á marcha do aprendizado.

tinha que cahir no empirismo e na rotina. A maioria dos nossos mestres – e os ha verdadeiros, na dedicação imprescindivel ao seu mister e no amor apaixonado á causa que servem, acabou sendo empolgada pela idéa de que em certos e determinados modos de combinar palavras; em dados recursos praticos, mais ou menos geraes, mas não infalliveis de attrahir a attenção; como em pequenas receitas mnemotechnicas, ou na fixação de um simples livro “standard” para o exame, estava todo o remate da obra educativa que lhes cabe...

Devo accentuar, com firmeza, que ninguem se bate mais sinceramente pela methodisação do ensino do que eu; não só em função dos cargos que tenho exercido e da cadeira que obscuramente rejoy na Escola Normal, mas por natural pendor e curiosidade de espirito, tenho dedicado a maior parte de minha vida ao estudo experimental, à colheita de dados originaes sobre o assumpto e ao confronto do que outros têm perquirido e fixado. Sustento, com elementos de convicção arraigada, que é possivel hoje ajustar os recursos didactivos ás leis naturaes dos processos biologicos adaptativos, de modo a ter na educação resultados de certeza mathematica. Mas, a noção scientifica de methodo é a ligação intelligente dos elementos que se tenham em mãos a fins claros e determinados, mediante o respeito ás leis naturaes. Sem o preestabelecimento dos fins, da meta até onde se deve chegar, e a oportuna avaliação dos elementos de que se disponham, não ha sombra de methodo, nem possibilidade de educação scientifica. Como a tarefa educativa é, na sua essencia, de natureza biologica, o que significa que os phenomenos que lhe compõem a estructura são irreversiveis, a noção exterior tangivel ao vulgo é a de que o methodo reside substancialmente numa ordem, numa successão invariavel de pequenos processos. A pratica desses processos não tem em si, porém, significação alguma, quando não ligam elementos de partida a fins prefixados e possiveis, ou quando não se exerça dentro de condições fataes e necessarias. Dizer, por exemplo, que o methodo na cura da opilação está simplesmente na ingestão de thymol, pelo organismo doente, ou que o do ensino da leitura reside na partida da visualização de algumas sentenças, é mero empirismo ou charlatanice disfarçada. A apreensão da substancia medicamentosa exige condições preparatorias indicadas pelo exame do organismo atacado, assim como toda e qualquer aprendizagem reclama condições preliminares e concomitantes, variaveis ás vezes, tal sejam as particularidades da diagnose mental da criança. Ahi está porque a arte de curar requer conhecimentos exactos sobre a complicada dynamica do corpo, e não apenas a decoração de uma lista de doenças e de remedios, como ensinar proveitosamente não dispensa noções assentadas sobre a dynamica dos phenomenos psychicos. E ahi está, tambem, porque o moderno ensino se separa por completo da antiga didactica.

Uma tomava o espirito como entidade estatica ou permanente, sempre igual a si mesma, capaz de tudo supportar; outra está convicta de que o espirito não é uma entidade simples, mas um complexo de factos variaveis a cada phase da evo-

lução. Á primeira, não se lhe dava indagar o ponto de partida de qualquer trabalho psychico; á ultima, os processos educativos só têm significação quando se apoiam sobre o conhecimento exacto do estado de evolução inicial. Por isso, é uma das suas preocupações mais prementes a descoberta e o aperfeiçoamento dos meios praticos para a diagnose desses estados, para o que não se cansa de inventar e systematisar reactivos adequados. Esses reactivos são os “mental-tests” (denominação hoje universalizada) e a sua concepção representa, para a moderna pedagogia, segundo uma imagem repetida mas profundamente justa, o que a lei de Newton representou no curso de desenvolvimento das sciencias phisicas. Officialmente, o ensino paulista jamais cuidou delles. Entretanto, o Estado de Minas Geraes, o Districto Federal e, ultimamente, o Paraná já o inscreveram como medida necessaria á renovação de seu aparelho de cultura popular. Lembro-o, para que se veja que nem mesmo a concepção didactica paulista acompanha o progresso universal.

3º. – Não acha que a nossa escola primaria ainda não adaptada ás classes populares a cujo proveito deve collocar-se, tem falhado a fins essenciaes, dentro dos ideaes modernos de educação?

- A questão acima, arredando as simples considerações geraes, toca com o dedo o coração mesmo das idéas educativas vencedoras no momento. A escola tradicional não serve o povo, e não o serve, porque está montada para uma concepção social já vencida, e senão morta de todo, por toda parte estrebuchante – o burguesismo. A cultura verbalista, bem ou mal, vinha servindo aos individuos que se destinavam ás carreiras liberaes, mas nunca ás profissões normaes de produção economica. Estendida a todas as classes populares, ella provou bem cedo que não só falhava á finalidade social de adaptação economica, mas á propria finalidade mais ampla e profunda da elevação moral do homem. A Europa acordou um dia, depois da grande guerra, surprehendida por esta verdade cruciante: – Os milhões que havia gastado, em pról da educação popular, estiveram sempre, paradoxalmente, ao serviço da insegurança e da corrupção social. Elles geraram um mal estar que é hoje sentido em todo o mundo, porque não logrou harmonisar ou coordenar para os altos destinos da civilização, as forças vitaes da collectividade. Ella não fez irmãos; gerou inimigos. Não plasmou individuos uteis á sociedade: criou revoltados. Por certos aspectos, desviou os fins normaes da propria natureza humana. E essa verificação insophismavel, depois da conflagração, veiu concordar, ponto por ponto, com as ultimas investigações dos modernos pedagogistas. De ha muito, nos paizes de maior e verdadeira cultura, os programmas de ensino vinham transigindo com as necessidades do novo espirito de formação normal do homem. O “learning by doing”, ou aprendizado activo foi a primeira e incipiente formula contraposta ao intellectualismo herbartiano, ainda dominante em nossas escolas. É sabido que a reacção começou a delinear-se, positivamente, nos Estados

Unidos, na palavra de William James, como efeito natural de sua concepção philosophica pragmatica. Pregou elle que as novas praticas educativas não devem ser senão a organização dos habitos de conducta, tendendo mais que tudo a fins moraes; John Dewey proseguiu a obra renovadora e propoz mais decididamente a “escola-communidade-embryonaria”, sob os mesmos principios. A esse trabalho, fizeram éco, na Suecia, por convicções um pouco diversas, mas tendentes ao mesmo plano, essa estranha figura de apostolo que é Otto Salomão; na Belgica, Decroly; Durkheim, na França; e na Suissa, Claparède e Ferrière. E, amadurecida e completada a idéa, frutificou, emfim, esplendidamente com Wineken, Paulsen e Jorge Kirchensteiner, na Allemanha, onde apparecem as primeiras “escolas-communidade”, as “escolas do trabalho” e as “escolas-officina” (“arbeitsschuli” e “arbeitstugor”) que lograram sua consagração definitiva, como ponto importante da propria constituição politica do paiz (Constituição de Weimar arts. 146 a 148). Kirchensteiner, o laureado director das escolas de Munich, fez da escola publica uma forja de vida civica, sob as bases do exercicio normal do trabalho em coope-ração. Só acha possivel desenvolver na criança o sentimento da solidariedade social, influindo sobre o seu carcter, para animar nelle o desinteresse social e o espirito de sacrificio, pois “educação civica é quasi synonymo de educação do carcter no sentido das virtudes altruisticas”. E para isso, só ha um meio: é o trabalho em cooperação. A escola do trabalho se propõe realizar tres fins conjuntos: ensinar um officio; mostrar que esse officio não é senão uma roda do organismo social, e que não deve ser, portanto, exercido com egoismo; inspirar no alumno o desejo de trabalhar por meio de sua profissão, para que o Estado chegue a ser uma comunidade moral. Essa concepção não é uma utopia, como póde parecer á primeira vista, e já se manifestou no Brasil por uma tentativa de brilhante reforma no Districto Federal e na criação recente de escolas-primarias-industriaes, no Estado de Minas. Segundo leio num admiravel estudo ultimamente publicado pelo sabio professor Kilpatrick, da Universidade de Columbia (Nova York), cogita-se nos Estados Unidos de uma radical renovação de todas suas escolas, ao influxo das mesmas idéas, já de ha muito lá admittidas em parte, até nos jardins de infancia como o Dalton-Laboratory-Plan. Se, entre nós, não é possivel attingir logo o ideal, possivel será, no emtanto, aproximarmo-nos delle, como o estão fazendo outros paizes. O que não mais se comprehende, aos ensinamentos da moderna pedagogia, é a escola tradicional, individualista, verbalista, anarchisadora da mente e do carcter.

4º. – Qual pois o verdadeiro papel que deve caber á escola primaria

- a) na formação do carcter nacional;
- b) na obra moderna de assistencia social;
- c) no plano geral de educação physica e na criação de habitos hygienicos;
- d) e como instrumento de iniciação profissional e de preparação para a vida?

- O verdadeiro papel da escola primaria é o de adaptar os futuros cidadãos, material e moralmente, ás necessidades sociaes presentes e, tanto quanto seja possível, ás necessidades vindouras, desde que possam ser previstas com segurança. Essa integração da criança na sociedade resume toda a funcção da escola gratuita e obrigatoria, e explica, por si só, a necessidade da educação como funcção publica. Por isso mesmo, o tirocinio escolar não pode ser mais a simples aquisição de formulas verbaes e pequenas habilidades para serem demonstradas por occasião dos exames. A escola deve preparar para a vida real, pela propria vida. A méra repetição convencional de palavras tende a desaparecer, como viu, na nova concepção da “escola do trabalho”. Tudo quanto for acceito no programma escolar precisa ser realmente pratico, capaz de influir sobre a existencia social no sentido do aperfeiçoamento do homem. Lêr, escrever e contar são simples meios; as bases da formação do character, a sua finalidade permanente e inflexivel. De ponto de vista formal, isso significa a criação, no individuo, de habitos e conhecimentos, que influam directamente no contróle de tendencias prejudiciaes, que não podem ou não devem ser suffocadas de todo pelo automatismo psychico possível na infancia. E como consequencia, nos grandes meios urbanos, á escola cabe, hoje, inilludivelmente, facilitar a orientação e selecção profissional, pelo estudo das aptidões individuaes da criança, conhecimento e esclarecimento do desejo dos paes, tradição e possibilidades da familia. Esse aspecto é inteiramente desconhecido em nossas escolas.

a) Mas, no caso particular da sociedade brasileira, compete á escola, ainda, um papel de vulto. Ella deve ser, precisa ser a homogenisadora da vida nacional. Já certa vez escrevi: “O Brasil não é geographicamente, economicamente, ethnographicamente, uma nacionalidade constituída. O sólo, a raça, a vida economica, todos os factores naturaes, forçam por partir o paiz. Só o laço historico de tres seculos, a lingua e as aspirações communs de liberdade nos podem continuar a prender. O que, noutras palavras quer dizer: somos uma nação feita pelo homem, um grande sonho politico, e só o homem, por suas obras de criação, é que nos poderá ter sempre jungidos, na elevada comprehensão do futuro”. Reaffirmo o que disse, não mais por inducção de gabinete, mas por observação directa da vida de mais de tres quartas partes do paiz. Por isso, entendo que a escola precisa ser fundamentalmente nacionalisadora, integrando não só o estrangeiro, mas o proprio sertanejo, tanto ou mais desviado, por certos aspectos, do que o immigrante, em relação á vida contemporanea politica e social. Está claro que este aspecto implica um plano de cultura nacional, de que os nossos politicos nunca cuidaram. Mas S. Paulo poderia vir a ser, pelo seu prestigio na União, o pioneiro dessa cruzada, no Congresso, renovando as “bandeiras” de cultura pelos mesmos caminhos, em que as outras da epopéa sertanista se traçaram.

b) Acredito que a assistencia social directa pela escola, não pode ir ainda muito além, em nosso meio, das instituições já conhecidas da “caixa escolar”, assistencia-

dentaria, e congeneres. Mas, indirectamente, poderia muito fazer pela propaganda de certas idéas economicas, como por exemplo se está tratando no Mexico, e com a agitação de iniciativas referentes á vida agricola e industrial da região, como se fez nos Estados Unidos, com o systema dos chamados “projectos-sociaes” (vide nota n.º 4), e com o ensino da puericultura.

c) No aspecto da educação hygienica ha muito e muito por fazer-se. Antes de mais nada, mudar a concepção geral das aulas de gymnastica, na maioria das escolas, em que taes aulas nem se fazem em logar apropriado nem em hora conveniente. Propagar jogos de character educativo, passeios frequentes ao ar livre, propaganda de vestuario e calçado hygienico e criar, em todas as escolas, um pelotão de saude para pratica obrigatoria de habitos de asseio corporal aos alumnos que ainda os não têm, como já se faz, com bom resultado, em outras escolas do paiz. Onde for possivel, estabelecer a pesagem mensal das crianças, communicando-lhes o resultado e explicando-lhes o valor desse indice de saude. Communicar, emfim, o culto da saude por todos os meios praticos possiveis e adaptando-os sempre ás circumstancias do meio; prophylaxia do paludismo, da lepra, do trachoma, e do amarellão. Onde fosse possivel, o estabelecimento de praças de jogos para crianças, com o auxilio das Camaras Municipaes, e o verdadeiro escotismo, não o escotismo “de parada”.

d) Quanto a servir a escola como instrumento de iniciação profissional temos tudo ainda por fazer. Não creio que nos seja possivel, já, sem uma phase de transicção, applicar os largos moldes da nova escola do trabalho. Será possivel tentar com exito, no entanto, a renovação social dos programmas, alargando-se especialmente o campo do manualismo na escola. Por outro lado, nos meios urbanos mais densos, onde é maior a variedade de profissões a que a criança se destina, será utilissimo o estudo da capacidade profissional dos alumnos facilitando-se, assim, a orientação e a selecção profissional. Sem imaginar possuir ainda um perfeito “Vocation bureau”, como o das escolasl de Boston, ou as “Vocational guidance” de muitos estabelecimentos americanos, eu lembraria que se copiasse, modestamente, o que se está fazendo a respeito no Districto Federal. (Vide nota n.º 5).

5.º. – Posta a questão neste pé, é partidario da uniformidade do ensino primario, theorico e rigido, ou da variedade desse ensino, pratico e malleavel segundo as necessidades (industriaes, agricolas, pastoris, etc.) da região em que a escola se installou?

- Concluindo logicamente do que acima ficou, só poderei ser pela adaptação do ensino ás necessidades da região em que estiver a escola. Claro está que a

4. V. a proposito “The project-Method of Teaching”, by John Alford Stevenson, Mac Millan, 1922.

5. Os melhores trabalhos a respeito são os de William Stern, Lipmann e Ruttman. Os novos programmas do Districto Federal foram publicados, para receber criticas geraes dos professores e todos e quaesquer interessados, no “Jornal do Brasil” do dia 25 de Fevereiro ultimo.

latitude dessa adaptação não pode atingir a substancia dos fins moraes permanentes da educação, nem a de sua finalidade nacionalisadora, assim como em nada affecta ao methodo no bom sentido do termo. É até em obediencia á unidade do methodo que os meios devem variar, variando as modalidades de adaptação da vida futura dos alumnos. O mesmo programma e a mesma escola na praia e no campo, na fazenda de café e nos bairros industriaes da capital, são aberrações que não se comprehendem.

6º. – Em que termos se deve collocar e qual a solução que deve ter o problema do ensino primario gratuito e obrigatorio?

- Nos termos da Constituição Federal e do Estado, com a comprehensão que lhes deu o Congresso Inter-estadual do Ensino.

7º. – Qual a melhor solução provisoria ao problema do ensino primario: o ensino primario incompleto para todos ou o ensino integral para alguns?

- A melhor solução provisoria será, evidentemente, aquella que tornar mais facil a execução posterior da solução definitiva, sem perda de nenhum elemento empregado ou conflicto com os resultados já obtidos. A priori, poderia parecer que o curso reduzido, dispensado por igual a todos, fosse o mais justo e acertado; seria tambem a forma de respeitar, em these, o espirito democratico do regimen. Socialmente, porém, convirá mais ao Estado manter o curso integral nos nucleos urbanos, dando por outro lado a maxima extensão possivel a um ensino de typo mais ligeiro e economico, de character rural. É, aliás, o nosso regimen actual e o regimen de todo mundo. Por ocasião dos trabalhos de reorganização do ensino de um dos Estados do Norte, em que tive modesta collaboração, pude apreciar do modo concludente que é essa a unica formula possivel e sustentavel hoje. Eu lembraria desde já, porém, que o Estado provocasse por todos os meios a criação de escolas de ensino privado, a cargo de particulares, de associações ou confissões religiosas, clubs esportivos, etc. Num celebre memorial ao governo, o dr. Sampaio Doria, quando director da instrucção, traçou normas tão completas sobre o assumpto, que nada se terá a indicar de melhor senão a realização desse plano.

8º. – Não lhe parece que o Estado de S. Paulo não poderá resolver, de maneira intensiva e extensiva, o problema de educação popular, sem pôr a serviço dessa obra os grandes recursos modernos como o cinema e a radiotelephonia?

- Os meios apontados poderiam auxiliar efficazmente a obra da educação popular, de modo especial estendendo o seu raio de acção aos adultos. Na propaganda nacionalista, no ensino da hygiene, e na propagação das artes nacionaes, o cinema e o radio prestarão inestimaveis serviços. O Chile inaugurou em Maio proximo passado o seu serviço de radio-escola. No Brasil, Minas já deu o exemplo, mandando organizar fitas sobre a historia local e as riquezas naturaes do Estado, e o Districto Federal ha algum tempo tratou do assumpto. Em se tratando de meios auxiliares, não se deve esquecer a criação de bibliothecas municipaes, especialmente como factor de educação “post-escolar”.

9º. – Como está tratada pela reforma de 1925 e como deveria ser resolvida a questão de assistência técnica e da inspeção e fiscalização do ensino?

- Não está ainda publicado o regulamento da reforma alludida, motivo pelo qual será prematuro qualquer juízo sobre a organização theorica do serviço de inspeção. Praticamente muito menos, porque não ha ainda tempo sufficiente para a publicação de seus resultados.

Quanto á assistência técnica, louvo com o maior entusiasmo a idéa das medidas que a actual administração tomou a respeito, inspectores especializados e uma revista para professores. Se louvo a idéa, lamento, porém, com sinceridade, e não sem tristeza, a sua execução. A “Revista Escolar” parece uma pilheria proposial ou obra de sabotagem. A inspeção especializada, optima em principio, está inteiramente desvirtuada na sua execução. Varios inspectores technicos, cuja competencia ninguem nega, têm contra si auxiliares perfeitamente desconhecedores não já da methodologia geral, mas até dos mais comezinhos principios didacticos. Desse modo, está se compromettendo, sem remedio, uma excellente idéa. Sua função devia ser mais do que a uniformidade da mecânica do ensino, a de esclarecer cabalmente sua finalidade educativa, de cada disciplina, pondo os professores ao par dos ultimos conhecimentos sobre o assumpto, ouvindo-os nas suas duvidas e habilitando-os no estudo e applicação dos “tests de fundo” e “de resultado”. Fora disso, é continuar com a simples superstição de um ritual nem sempre comprehendido pelos proprios grandes sacerdotes...

10 – Não reconhece que o nosso ensino normal, por uma orientação errada, está quasi inteiramente:

- a) desviado de seu caracter profissional;
- b) desamparado de material didactico actual e sufficiente (como museus, herbarios, laboratorios e bibliothecas);
- c) e inspirado emfim em plano que não consulta nem a natureza do curso nem as necessidades culturaes?

- Reconheço-o e tenho-o proclamado.

11 – Nestas condições, qual a organização que imprimiria ás nossas escolas normaes, para as ajustar ás suas funções e multiplicar a sua efficiencia?

- Antes de mais nada, separaria o curso propedeutico do curso tecnico profissional, solução que já em 1918 eu lembrava em artigos por este jornal. O curso normal se faz hoje em sete annos: dois na escola Complementar e cinco na Normal. E com que resultado? Pessimo. Nem se dá a formação de espirito necessaria aos futuros mestres, nem a preparação profissional que se devia desejar. Se se tornasse o curso propedeutico autonomo, elle poderia ser feito em cinco annos, com o mesmo programma e regimen dos gymnasios. Essa medida teria mais uma vantagem: a de resolver, a um tempo, o problema da superabundancia de normaes e o

de facilitar o ensino secundario á população do Estado. Apenas duas ou tres escolas normaes actuaes é que deviam continuar com o curso tecnico para professores, de dois annos, mas um curso serio de especialização.

12- Não acha que é preciso pensarmos em promover uma cooperação efficaz da familia e da escola:

a) convidando os paes a assistir ás aulas e a interessar-se “pela vida normal” e não apenas nos “incidentes” da escola;

b) e por meio de reuniões em que se encontrem, para troca de idéas, professores, paes e alumnos?

- Mais que necessario, urgente. De modo particular nos grandes nucleos urbanos, o lar vae abrindo mão das suas prerogativas de educação. A escola precisa de lhe ir ao encontro. Ha na Belgica, na Suissa, nos Estados Unidos e no Uruguay associações de paes de alumnos que prestam inestimaveis serviços á causa da educação popular, e em especial á formação moral dos alumnos.

13 – Sendo questão vital para o ensino a formação de professores, não concorda em que, com o ensino normal, reorganizado em bases novas, devem entrar em collaboraçã, ao lado e acima delle, o curso periodico de conferencias nas férias e uma escola normal superior?

- Bem organizado, isto é, encaminhado para lições praticas e discussões uteis, com um numero limitado de assistentes, que saibam preliminarmente ao que vêm, o curso periodico de férias poderá prestar excellentes serviços, concorrendo não só para melhoria do ensino como para verdadeiro estimulo de cultura pessoal do professor. O Estado do Ceará foi o primeiro no Brasil que reuniu os seus professores em cursos semelhantes, com resultado tão lisongeiro que Pernambuco o imitou nas férias seguintes. No Districto Federal houve não ha muito uma reunião semelhante, com bom resultado.

Quanto à idéa de uma escola normal superior, acho-a por enquanto, uma especie de quinta roda do carro...

14 – Que me diz da Faculdade de Educação segundo a reforma de 1920 e as “modificações” introduzidas pela reforma de 1920 e as “modificações” introduzidas pela reforma de 1925? Quaes os principios que deverão inspirar a sua organização para que, installada, não redunde um dia no mais completo descalabro?

- A Faculdade de Educação, pela reforma de 1920, justificava-se. Com as innovações introduzidas, creio que soffreu muito, especialmente do ponto de vista administrativo. Não acredito na sua efficacia com o plano da ultima lei.

15 – Qual o melhor processo de selecção para o provimento de cadeiras, no ensino primario, no ensino normal secundario e no ensino normal superior?

- No ensino primario, as nomeações e remoções automaticamente reguladas pela divisão do Estado em entrancias. Para o ensino normal o regimen actual,

regulada a effectividade do professor não pelo director da escola, – o que é um absurdo – mas por votos de maioria absoluta na Congregação.

16 – Como se poderia organizar em São Paulo praticamente uma obra effcaz e de iniciativa privada, de orientação e propaganda do ensino, e de assistencia economica, hygienica e judiciaria a todo o professorado?

- Preliminarmente, pela propaganda de uma “fundação” para isso. Os nossos homens de dinheiro não apprehenderam ainda, salvo rarissimas excepções, que a assistencia social realmente aproveitavel não é só a curativa dos hospitaes. Será preciso que um homem, um dia se lembre de deixar a uma instituição livre o necessario para que o espirito de aperfeiçoamento dos nossos processos educativos não venha a succumbir de todo, no aspecto de luta industrial e mercantil de hoje ou asphyxiado, de vez, no burocratismo. Só assim se teria um nucleo effcaz de orientação e propaganda do ensino, com autonomia e valor. A assistencia economica do professorado está, em parte, attendida pela Caixa Beneficente e pelo Monte de Socorro do Estado; creio que a hygienica e judiciaria poderia ser organizada por uma sociedade civil. São simples idéas que, como todas as demais aqui expendidas, só terão valor quando contrasteadas pelas opiniões de outros que estudem, investiguem e dêem o seu juizo, sem presupposto algum, menos confessavel. Precisamos habituar-nos a declarar nossas idéas, e a defendel-as quando não nos falem elementos de convicção, para romper um dia o hermetismo em que se teima deixar problema de tal relevancia social, quanto o da instrucção publica. A iniciativa deste inquerito pôde fructificar na inauguração de uma nova atmospheria de discussão e estudo sobre o assumpto. É o que sinceramente desejamos.”